

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

**ADOLESCÊNCIA, JUVENTUDE E SUICÍDIO: SENTIMENTO DE
DESPERTENCIMENTO EM ADOLESCENTES E JOVENS NA REALIDADE
BRASILEIRA**

Paulo Vitor Palma Navasconi, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá

contato: Paulonavasconi@hotmail.com

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo compreender a relação entre o sentimento de “despertencimento” e sua possível implicação na tentativa de suicídio e suicídio de jovens e adolescentes. Foi realizada uma revisão bibliográfica para maior compreensão no que diz respeito à situação psicossocial do jovem e adolescente na sociedade contemporânea relacionando tal conhecimento com os estudos sobre o suicídio e tentativa de suicídio nessa faixa etária. Foi possível confirmar a hipótese que o sentimento de “despertencimento” é um elemento importante quando se busca compreender o suicídio em jovens e adolescentes, visto que, é na presença do outro que a vida do adolescente passa a adquirir sentido e significado. Aponta-se a necessidade de uma escuta e acolhimento das necessidades dos jovens e adolescentes frente às características da sociedade capitalista, bem como estudos interdisciplinares com objetivo de compreender mais crítica e profundamente as relações entre a produção da subjetividade na sociedade contemporânea e o suicídio.

PALAVRAS-CHAVE: Despertencimento. Suicídio. Revisão Bibliográfica.

Temos como proposta três temas que nos parecem demasiadamente abrangente, complexo e desafiador. Tais conceitos, por si só, já apresentam uma gama de definições e conceituações em seu caráter histórico, social e em diferentes áreas não se referindo apenas ao campo da psicologia. Deste modo, torna-se necessário pontuarmos alguns esclarecimentos acerca do que a literatura especializada compreende por adolescência, juventude e suicídio no contexto brasileiro.

Afinal o que seria adolescência? Quando tem seu início e seu término? Como se dá a adolescência e a Juventude? Questões que ao longo do século XIX, XX e início do século XXI passaram ser fundamentais nos estudos do desenvolvimento humano, e principalmente nas áreas das ciências humanas e biológicas. No entanto, a cada tentativa de responder estas questões torna-se evidente a naturalização do processo do desenvolvimento psíquico do ser humano. Uma vez que, compreende-se o adolescente

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

na maioria das vezes descontextualizado, cabendo apenas a ele à responsabilidade por seu desenvolvimento.

Haja vista que a adolescência foi e ainda passa ser entendida, como um processo natural, linear e universal, sendo assim, este desenvolvimento se apresentará da mesma forma em todos os indivíduos, cabe aqui, lançar uma metáfora acerca deste processo de naturalização, pois, não raro entender o processo de desenvolvimento humano, como sendo semelhante ao processo do crescimento de uma planta, onde a infância seria a fase de germinação, chegando à adolescência no qual haveria o início do desabrochamento do indivíduo.

Toda esta exemplificação, nada mais é para apresentar como que na literatura especializada na maioria das vezes o desenvolvimento humano é compreendido, como sendo natural, *a priori*, e inerente ao homem, ou seja, a adolescência e juventude são vistas como fases naturais do desenvolvimento, pois todos os seres humanos, na medida em que “superam” a infância, passariam necessariamente por uma nova fase, no caso a adolescência e juventude. No entanto, tomaremos neste trabalho, que tais teorias também são datadas e históricas, de forma que aquilo que se apresenta como um “modelo” ou “padrão” de desenvolvimento da adolescência e juventude é algo próprio da sociedade moderna. Assim, a concepção de adolescência pode ser mutável, é passível de transformações, e neste sentido, podemos afirmar que não existe uma adolescência, mas várias adolescências, a depender do momento histórico, da classe social, da cultura, do modo de viver de uma determinada sociedade.

Neste estudo, estamos considerando a adolescência o período que vai dos 12 aos 18 anos e a juventude a fase de 19 a 24 anos, conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente e a Organização Mundial da Saúde, respectivamente. Para se ter uma ideia da significância dessa faixa etária, nas últimas décadas a juventude e a adolescência ganharam maior visibilidade no que se refere a programas de políticas públicas o que confere maior atenção governamental a esse período do desenvolvimento humano. O total de crianças e adolescentes (0 – 19 anos) na população brasileira atingiu cerca de 63 milhões de pessoas segundo IBGE (2010). Na faixa etária entre 10 e 24 anos estão 51 milhões de pessoas, o que corresponde a 37% da população brasileira (PORTAL DA SAÚDE SUS, 2013) e segundo a UNICEF (2012) o Brasil tem 35 milhões de adolescentes com idade entre 10 e 19 anos.

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

Esta população encontra-se em profundas desigualdades socioeconômicas e sociais, pois há no país graves problemas educacionais, de moradia, de oportunidades de trabalho e de lazer e, conseqüentemente, grandes desigualdades nas formas de adoecimento e morte. Essas desigualdades acabam por se revelar na capacidade de o jovem obter reconhecimento de seus direitos elementares, tais como, educação, nutrição, moradia, boa saúde física e mental, trabalho, lazer, entre outros, segundo (MINAYO, 1999).

É por isso que enfatizamos a necessidade de compreender a adolescência e juventude de maneira contextualizada e historicizada. Uma vez que a desigualdade encontra-se presente em nossa realidade, pensar numa adolescência única e universal acabaria por excluir grande parte dessa população além de uma gama de fatores que colorem a adolescência de diversos modos.

Em relação ao suicídio e adolescência e juventude, Barrios, Everett, Simon e Brener (2000) consideram que, por estarem passando por um momento de transformações, o adolescente ou jovem na busca de soluções para seus possíveis conflitos e problemas, pode recorrer a comportamentos agressivos e até mesmo ao suicídio.

O suicídio é um fenômeno de importância psicológica, social, cultural, econômica, biológica entre outros aspectos, por se referir ao um fenômeno abrangente, este apresenta diferentes conceituações, uma delas diz respeito à Organização Mundial da Saúde (OMS) no qual, conforme aponta Bertolote (2012) o suicídio é o ato deliberado, intencional, de causar a morte a si mesmo, ou em outras palavras, é um ato iniciado e executado deliberadamente por uma pessoa que tem a clara noção (ou uma forte expectativa) de que dele pode resultar a morte, e cujo desfecho é esperado citado por (OMS, 2013). Apesar de não existir uma definição única, ou seja, universal, as maiorias das definições sobre o fenômeno do suicídio apontam que há necessariamente um desejo consciente de morrer e a noção clara do que o ato executado pode resultar, assim como se verifica na definição proposta pela OMS.

Desde 1990 a taxa de suicídio na faixa etária de 13 a 24 anos vem aumentando em todo o mundo. O Brasil apresenta baixa taxa de mortalidade por suicídio, em média 4,9 na população total, e 5,1 entre os jovens, em relação à taxa mundial de 16 casos por 100.000 habitantes, contudo, vêm aumentando nos últimos anos e aparecendo com

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

novos aspectos, como áreas com taxas extremamente altas e áreas de suicídio étnicos ou culturais (WAISELFISZ, 2013).

Segundo o “Mapa da Violência 2013 – Homicídios e Juventude no Brasil” entre aos anos de 1980 a 2011 o número total de suicídios no país passou de 3.896 para 9.852, representado um aumento de 152,9%. Ainda neste contexto, segundo Werlang (2013) o suicídio não apenas está entre as dez principais causas de morte, como também entre as duas ou três causas mais frequentes de morte para o grupo de adolescentes e adultos jovens.

Sobre a idade mais crítica para ideações e tentativas de suicídio Borges e Werlang (2006) e Werlang, Borges e Fensterseifer (2005) encontraram em seus estudos que isso é mais frequente por volta dos 15 anos. Esses autores salientam que esses adolescentes, nas suas amostras, estavam sob maior risco e tendiam a sentir-se desesperançosos e depressivos, a superestimar os reveses e a ter dificuldades de encontrar soluções para seus problemas.

Em estudo anterior (NAVASCONI E SILVA, 2013) constatou-se que o “amor não correspondido” estava entre as principais justificativas para o comportamento suicida de jovens e adolescentes. Podemos ampliar o significado de “amor não correspondido” para além do amor entre casais. Assim como Vieira, Freitas, Pordeus, Lira e Silva (2009) é possível pensá-lo e relacioná-lo ao amor da família, amor do pai, da mãe dos amigos, nas demonstrações de carinhos, das relações que são desenvolvidas e construídas nas escolas e nos períodos de lazer do adolescente e do jovem. Segundo esses autores o “amor não correspondido” está associado ao comportamento suicida por dizer respeito à fragilidade dos vínculos familiares e interpessoais, às escassas demonstrações de carinho, a ausência do cuidado e do respeito entre os membros da família e, ainda, à falta ou a pouca valorização do adolescente. É neste âmbito que inserimos o sentimento de “despertencimento”, que ora tratamos.

Objetivos

Objetivo geral deste trabalho foi compreender a possível relação entre o sentimento de “despertencimento” e o comportamento suicida em jovens e adolescentes no contexto brasileiro. Além deste objetivo, objetivamos levantar as características da

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

adolescência e juventude na sociedade contemporânea, e estabelecer relações entre a adolescência/juventude e o suicídio.

Metodologia

O presente trabalho teve caráter teórico-bibliográfica, no qual se buscou por referências, como livros e publicações em periódicos científicos, principalmente em bancos de dados online. Segundo Fonseca (2002) a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Deste modo, exploramos referenciais teóricos que puderam nos subsidiar na relação entre o sentimento de “despertencimento” e suicídio em jovens e adolescentes.

No primeiro momento da pesquisa buscamos por referências bibliográficas cujo tema refere-se ao sentimento de pertencimento, de pertença e despertencimento em relação ao suicídio e tentativa de suicídio em jovens e adolescentes, e sobre a adolescência e suas principais características. Os bancos de dados online selecionados para a busca foram: Scientific Electronic Library Online - Scielo (www.scielo.br), Portal de Pesquisa da Biblioteca Virtual de Saúde – BVS (<http://bvsalud.org/>) e o portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC). Foram estabelecidos os seguintes critérios para se compor o material de estudo: A. Material escrito em língua portuguesa; B. Artigos que caracterizam jovens e adolescentes, compreendidos na faixa etária de 12 a 24 anos; C. Estudos qualitativos ou quanti-qualitativos; D. Artigos Completos.

Após a identificação de produções repetidas, todos os resumos foram lidos, e com isto aplicou-se os critérios de inclusão. Posteriormente, buscou-se o aprofundamento dos conteúdos trazidos nos artigos e livros, elegendo-se referências bibliográficas que eles próprios traziam. Utilizou-se o recurso de fichamento e resumo com anotações das partes mais interessantes ao objetivo da pesquisa. Após essa sistematização, elaborou-se um texto apresentando os resultados e discussão da investigação.

Resultados e Discussão

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

Nos últimos 20 anos outra realidade que têm ganhado destaque e notoriedade refere-se ao fenômeno do suicídio e tentativa de suicídio em jovens e adolescentes uma vez que, a OMS estima-se que até 2020, mais de 1,5 milhões de pessoas venham cometer suicídio no mundo e de que 15 a 30 milhões tentarão suicídio, isto é, 01 morte a cada 20 segundos e uma tentativa a cada 01 ou 02 segundos (BERTOLOTE, 2012).

Para Frazão, Almeida e Sampaio (2006) suicídio refere-se a “autodestruição” por um ato deliberadamente realizado para conseguir esse fim. A tentativa de suicídio, segundo os autores, seria um ato de autodestruição iniciado, mas não acabado. Uma “verdadeira” tentativa de suicídio é aquela que falhou, apesar do autor ter utilizado um método de letalidade suficiente para a consumação. Segundo Meleiro e Bahls (2004) na tentativa de suicídio há um comportamento potencialmente autolesivo, porém não fatal e com evidências de que a pessoa pretendia a morte voluntária.

Já, a ideação suicida é o pensamento ou a intenção de suicídio, contudo não havendo a efetuação da tentativa de suicídio. Meleiro e Bahls (2004) assinalam que a ideação suicida consiste em pensamentos, ideias, ou ruminações sobre o próprio suicídio, sobre o morrer ou estar morto, ou, ainda, ameaças claras ou abertas de suicídio. As ideações de suicídio estão no plano da idealização isto é, do pensamento, sem haver o planejamento ou ação. Diferente do que se pode compreender por plano suicida, ou plano de suicídio, uma vez que neste a pessoa encontra-se decidida a por fim à própria vida.

Rigo (2013) associa o suicídio a três fatores: os precipitantes, que são os fatores atuais e externos ao sujeito, os internos que dizem respeito à sua história de vida e, por fim, o contexto sociocultural do ato. Desse modo, segundo a autora, quando um elemento atual dispara a ocorrência de um sentimento devastador capaz de provocar um suicídio, é, geralmente, porque ele reedita uma situação anterior de sofrimento, potencializando-a e tornando intolerável o momento atual, logo se sentindo não pertencente e não reconhecido perante o contexto em que se encontra inserido. Nesses casos, o suicídio se torna como uma saída, ou seja, uma possibilidade de aliviar a dor e o sofrimento.

Hilderbrandt, Zart e Leite (2011) relaciona o sentimento de tristeza ao sentimento de não reconhecimento, haja vista, que os jovens ou adolescentes muitas vezes no contexto, escolar, familiar ou social não possuem uma referência onde possam

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

desabafar ou até mesmo não têm alguém como um amparo e dessa maneira, haveria o favorecimento do desenvolvimento de sentimentos negativos, como de abandono, rejeição e um sentimento de vazio.

E nesta perspectiva assinalamos que esta gama de fatores estaria relacionado com o sentimento do qual entendemos por (des)pertencimento, pois, se referem ao sentir-se bem integrado a um grupo (familiar/escolar), a ter boas relações afetivas e sociais, a sentir-se apoiado, principalmente nos reveses da vida e nas fragilidades pessoais. De maneira geral, o jovem e adolescente apresentam comportamentos suicidais quando não estão se sentindo suficientemente amados e compreendidos e quando se sentem frustrados. Não estamos levando em consideração neste momento, o fator dos transtornos mentais, pois não é o objeto do presente estudo. Mesmo assim, aqueles que apresentam algum transtorno, também sentem a necessidade de integração em termos sociais e afetivos.

De acordo com Perdigão (1995) o sujeito simplesmente compreende que existem no mundo outras consciências além de si próprio, sem a necessidade de qualquer prova a esse respeito. É do “mundo vivido”. Sendo assim, a convicção e consciência da existência do outro passa ser um dado imediato na vida de qualquer sujeito, todavia o outro é um ser que me vê enquanto sujeito, assim como eu o vejo. Neste contexto, podemos refletir sobre o papel e a presença do outro na vida do jovem e adolescente, que tipo de mensagem o “outro” estaria passando para este jovem/adolescente? Que outro seria este que cria a possibilidade de vivenciar o sentimento de pertencimento ou de despertencimento?

Se pensarmos em níveis de macro relações e não em micro relações, podemos compreender o “outro” para além de um ente querido, amigo, ou qualquer outra figura de suma importância, deste modo, podemos entender este “outro” como sendo, também instituições, meios midiáticos e entre outras instâncias. Da mesma forma, que mensagem este “outro” estaria passando para o jovem e adolescente inserido na atualidade? Que papel o outro estaria cumprindo na vida dos jovens e adolescentes?

De amparo? De desamparo? Não sabemos ao certo, aliás, acreditamos que não há uma única resposta ou possível saber que abarque todas e outras questões que estamos discutindo, no entanto, existem pontos de vistas que discutem e tentam compreender estes fenômenos e questões colocadas acima.

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

Não é nosso intuito dar uma resposta para tais indagações, todavia, cabe-nos ao menos procurar entendê-las, uma vez que o ser humano só se torna humano a partir das interações e das relações com outro, vivenciadas em seu meio social, histórico e cultural, em um processo que se inicia na mais tenra idade e acompanha todo o ciclo vital.

Haja vista que o processo da adolescência se caracteriza por um momento onde o adolescente busca construir sua identidade, e assim assumir novos papéis sociais, sendo assim, os laços familiares vão se desprendendo-se vagarosamente, com isto este jovem e adolescente passa a vincular a outros grupos e pessoas, como amigos e parceiros amorosos, estabelecendo assim novos vínculos afetivos. Todavia, podemos inferir que a partir do momento que este jovem e/ou adolescente passa a experienciar e vivenciar a não concretização de novos laços sociais, este passa a sentir e vivenciar um sentimento no qual denominamos de “despertencimento”, o qual acarreta no adolescente inúmeros sentimentos e sofrimentos, como, por exemplo, sentimento de não aceitação, de desamparo, amor não correspondido entre outros sentimentos e vivências. A figura “amor não correspondido” assume, neste trabalho, a representação de todo vínculo que o jovem e o adolescente quer e necessita, porém não o sente concretizado. Dito de outra maneira, ele quer e precisa se vincular ao “outro”, mas não encontra uma correspondência desse “outro”, no sentido de que esse “outro” lhe devolva um olhar amoroso e cuidadoso.

Importante ressaltar que o amor não correspondido assim como pontua Vieira, Freitas e Pordeus (2009) vai além do da conotação do afetivo, ou seja, do namoro/relação de cunho sexual. Mas entende-se por amor não correspondido, a sensação de não pertencer a determinado grupo social (familiar, amigos, trabalho, escola, etc.), à fragilidade dos vínculos no relacionamento familiar, às escassas demonstrações de carinho, às ausências do respeito, do amparo e da escuta e acolhimento entre os membros da família e de outros grupos sociais e por fim à falta de valorização da pessoa do adolescente, do seu físico e estética.

O sentimento de despertencimento em um jovem ou adolescente, faz com que ele se sinta muitas vezes, como um “nada”, desprovido de valor e importância, acabando muitas vezes por se isolar. Neste ponto Henriques (2010) pontua que a partir

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

da dificuldade de relacionar-se e de se sentir amado, o sujeito acaba por se isolar, evitando relações interpessoais, o que se configuraria pelo que entendemos por solidão.

Neste processo de isolar-se muitas vezes segundo Teixeira (2004) o adolescente passa a construir ideias/pensamentos e ideias suicidas, uma vez que, a partir das suas vivências e experiências de não pertencimento, de desamparo e amor não correspondido, este passa a ter/construir desejos e até mesmo pensamentos sobre o morrer, de modo que, para o adolescente segundo a autora, haveria um sentimento de não mais ser conhecido como pertencente a um grupo ou pelo risco de perder seu pertencimento a um grupo, levando-o muitas vezes a intenso sofrimento psíquico resultando em tentativas de suicídio e até mesmo na concretização do suicídio.

Para Wang & Ramadam (2004) é possível verificar seguintes discursos em jovens e adolescentes com a emoção comum do suicídio no caso desesperança e desamparo, “Não há nada que eu possa fazer”, “Ninguém pode me ajudar, já que ninguém me ama”, “Não pertenço a nada”, segundo os autores, seriam formulações que expressariam o pensamento suicida, sendo assim, esse tipo de fala e formulações que expressariam o pensamento suicida.

E se pensarmos que o adolescente vivenciando este sentimento de não pertencimento seja no contexto familiar ou em outros grupos sociais, este encontra-se em intenso sofrimento psíquico, uma vez que, este passaria se sentir diferente, e até mesmo deslocado do que é compreendido como “comum”, já que na sociedade no qual encontramos inseridos há construção de diferentes discursos do qual o sujeito tem que estar em constante gozo/satisfação, dentro de um padrão de estética, rodeado de amigos, ser amado por todos e entre outras atribuições, desse modo, este adolescente ou jovem já estaria vivenciando um intenso sofrimento, aliado a isto, teria que suportar e construir arranjos, ou seja, formas para lidar com as cobranças que o modo de produção institui nas relações da atualidade, e muitas vezes tais adolescentes não conseguem suportar e vivenciar sob cobranças internas/externas e visualizam a morte como única saída.

Nas palavras de Rigo (2013) os jovens e adolescentes que idealizam ou tentam o suicídio, além do sofrimento que estes estariam vivenciando, sentem-se incapazes de atender a demanda orientada pela lógica capitalista, ou seja, a esse imperativo de sucesso, do não fracasso/não sofrer, sendo assim acabam por se refugiando numa depressão e, por vezes, se precipitando num ato suicida. Nesta direção segundo a autora,

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

o suicídio nesses casos se configura como uma saída do adolescente/jovem para se livrar da angústia provocada por sua incapacidade de atender as expectativas do outro.

Já em casos quando o adolescente ou jovem se depara com o insucesso da tentativa de suicídio, segundo Vieira & Freitas (2009) este na maioria das vezes acaba por enfrentar reações de indignação, surpresa, estranhamento, incompreensão, podendo intensificar o sentimento de não pertencimento em relação a sua família e/ou grupos sociais e a própria situação, uma vez que, a possibilidade que se tinha seria o morrer, e quando se depara com a continuidade da vida, ou seja, o fracasso da possibilidade morrer, este jovem e adolescente passa se sentir frustrado, envergonhado, culpado.

Neste momento, o sentimento de despertencimento passa intensificar, caso inexistir um acompanhamento e acolhimento, ou seja, um amparo e um apoio por parte de um familiar, amigo, este jovem ou adolescente passa se sentir ainda mais com a sensação de não pertencer a este grupo social e até mesmo, (re)pensar a possibilidade da tentativa de suicídio. Dessa forma, entendemos e ressaltamos a importância da família independente da sua estrutura, uma vez que, este seria o principal local em que o jovem ou adolescente passara a vivenciar e experienciar as emoções mais intensas, e até mesmo mais marcantes. Sendo assim, seria um ambiente que possibilitaria a convivência do amor e do ódio, do conforto e do desconforto, da esperança e também do desespero.

Nesses moldes a sociedade capitalista se caracteriza pela desigualdade, pela opressão, segregação, exploração, junto a isso é marcada pelo individualismo e pela competitividade, estas entre outras características passam a descrever o que entendemos por sociedade capitalista. E é nesta sociedade que o adolescente que tenta ou comete o suicídio encontra-se inserido, logo, é neste meio de desigualdade de classes, de gênero, etnia e conhecimento que o jovem e adolescente acaba por desenvolver o sentimento de despertencimento, isto é, sentimento de não pertença, não acolhimento e identificação.

Caminhando em direção de conclusões provisórias

Por meio desta pesquisa tivemos o objetivo compreender as possíveis relações entre o sentimento de despertencimento e o suicídio de jovens e adolescentes. Para isto, realizamos uma revisão bibliográfica em que procuramos levantar aspectos que

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

julgamos importante para caracterizar tanto a adolescência como o suicídio na sociedade atual.

Com base em nossos resultados e discussão é possível afirmar que o sentimento de despertencimento é um elemento importante a ser considerado no fenômeno do suicídio de jovens e adolescente, de modo que é a partir da presença e da continência do outro que os adolescentes e jovens passam a atribuir significados e sentidos para suas vidas, na medida em que se reconhecem como pessoas dignas de valor e apreço. Neste ponto, podemos entender o “outro” para além do sujeito isolado, e sim um “outro” que se caracteriza pelo grupo e/ou instituições, ou seja, figuras que possam favorecer a construção do sentimento de pertencimento a relações e grupos, enfim a uma vida que valha a pena.

Haja vista que o processo da adolescência e da juventude não se caracteriza como sendo um “mar de rosas” conforme pontua a mídia, pelo contrário não é algo fácil de ser vivido. O adolescente deixa de ser representado como simples criança, ou seja, perde-se a identidade de criança para assumir assim a identidade de adolescente/jovem, com isto, atribuem-se diversas responsabilidades, normas e deveres, os quais muitas vezes, não se veem em condições de suportar, seja por uma questão individual, familiar ou mesmo social, de uma forma mais ampla.

E nesta perspectiva, que assinalamos a importância de discutir o modo e as possíveis implicações do suicídio com a situação psicossocial do adolescente inserido na sociedade capitalista, uma vez que, ao manter a vida do adolescente que se encontra em sofrimento psíquico a todo e qualquer custo, passa-se a negar a possibilidade de entendimento e compreensão de inúmeras questões, como por exemplo, quais condições que estes jovens e adolescentes encontram-se inseridos? O sentimento de despertencimento passa ser atribuído a quem? Que tipo e modo de vida que queremos valorizar e promover para os adolescentes e jovens?

Entendemos que a tendência é negar este olhar e modo de compreensão e sim construir discursos muitas vezes pautados no saber científico para o controle dos corpos, favorecendo para que os sujeitos encontram-se na situação de intenso sofrimento, porém vivos. Entretanto, retirando as possibilidades deste jovem/adolescente entender o porquê da busca e pelo desejo da morte. Como se houvesse a construção de um fantasma, pois se houver ideias suicidas ou tentativas de suicídio, a culpa passa ser atribuída ao

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

indivíduo e assim retira-se toda responsabilidade da sociedade e modo de ser e estar capitalista.

Neste ponto, acreditamos e pontuamos na necessidade de nós enquanto profissionais da saúde, psicólogos, médicos, enfermeiros, assistentes sociais, educadores, pais, irmãos e antes de tudo seres humanos compreendermos o sofrimento do outro e não simplesmente banalizar o sofrimento psíquico. Visto que ao banalizar o sofrimento do outro corroboramos para a intensificação do sofrimento deste jovem ou adolescente, por exemplo, na tentativa de amparar e ouvir o adolescente suicida, não raro nós enquanto sujeitos passamos a comparar o e ridicularizar o sofrimento do outro com o nosso sofrimento, ou seja, diminuindo as vivências e o sofrimento deste, passando a considera-lo como fraco ou simplesmente uma mera tentativa de “chamar a atenção”.

Pelo contrário, antes de tudo cabe desenvolvermos uma escuta acolhedora, sem julgamentos na tentativa de entender e assim pensar em conjunto nas possíveis possibilidades de ação e superação do sofrimento, fazendo com que diminua o sentimento de culpa, desamparo, despertencimento que o jovem estaria vivenciando.

Consideramos que é urgente que políticas públicas, ou outros tipos de iniciativas, possibilitem atenção integral ao jovem e ao adolescente, de forma que ele use sua criatividade e que usufrua das artes, do esporte; que ele se integre em grupos e comunidades em torno de objetivos comuns, que ele possa também oferecer uma contrapartida a esses programas, atuando no que mais gosta, sentindo-se reconhecido, valorizado e útil. É fundamental que o jovem e o adolescente se mantenham na escola, que tenham oportunidade de uma formação profissional, que usufruam de atividades de lazer, que possam conversar sobre suas angústias e incertezas em todos os cenários da vida, sem se sentirem menores por isso.

Há de se pensar em estudos que possibilitem prevenção mediata e de longo prazo, no entanto, que não fiquem apenas no plano acadêmico ou no plano das ideias. Há que se abrir espaço para intervenção e acompanhamento sem que os atendidos sofram preconceito. Ao mesmo tempo é preciso desconstruir a concepção de que não é bom falar sobre suicídio principalmente com jovens e adolescentes. É preciso que todos se informem e se eduquem para abordar temas difíceis, mas necessários, deste modo, consideramos que ainda há uma longa trajetória a ser feita e construída, e uma das

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

inúmeras formas de dar início a construção desta trajetória é não julgar e sim compreender e acolher o indivíduo que tentou ou idealiza o suicídio, pois não se trata de sentimentos banais ou questões próprias da adolescência e da juventude.

Referências

BARRIOS, L. C., EVERETT, S. A., SIMON, T. R., & BRENER, N. D (2000). **Suicide ideation among US college students: associations with other injury risk behaviors.** Journal of American College Health, 48, 229-233.

BERTOLETE, J. M. **O Suicídio e sua prevenção.** São Paulo. Ed. Unesp, 2012.

BOCK, A. M. B. **A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano:** a adolescência em questão. Cad. Cedes, Campinas, vol. 24, n. 62, p. 26-43, abril 2004

BORGES, V. R., & WERLANG, B. S. G. Estudo de ideação suicida em adolescentes de 15 a 19 anos. **Estudos de Psicologia**, 11(3), 345-351, 2006.

BOSI, I. M. **A Construção de Identidades na Adolescência a partir do Orkut e do Facebook.** UFC – Universidade Federal do Ceará, 2010.

HENRIQUES, G. **O isolamento existencial e a psicopatologia.** Aná. Psicológica v.28 n.4 Lisboa out. 2010.

COUTINHO, L. G. **A adolescência na contemporaneidade:** ideal cultural ou sintoma social. Revista de Psicanálise. Artigo, P. 13-19 ano XVII, n. 181. Março, 2005.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002. Apostila

FRAZÃO, P., ALMEIDA, N., COSTA, S., SANTOS, N. & SAMPAIO, D. **Atalhos, trilhos e caminhos:** Estudos de Follow-up dos Adolescentes e Jovens Adultos que recorreram ao Núcleo de Estudos do Suicídio. *Psychologica*, 41, 205-220. 2006.

HILDEBRANDT, L. M; ZART, F & LEITE, M. T. **A tentativa de suicídio na percepção de adolescentes: um estudo descrito.** Rev. Eletr. Enf. [Internet]. abr/jun;13(2):219-26. 2011.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Vamos conhecer o Brasil/ nosso povo.** 2010.

MELEIRO, A. M. A. S & BAHLS, S. C. O comportamento suicida. **Suicídio estudos fundamentais.** São Paulo: Segmento Farma, 2004.

MINAYO, M. C. S. **Juventude, violência e cidadania.** Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

NAVASCONI, P. V. P.; SILVA, L. C. **Suicídio e tentativa de suicídio em jovens**: o que diz a bibliografia especializada a partir da década de 90. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2013. 53 p. Relatório de Pesquisa (PIBIC/AF/IS-CNPq-FA-UEM).

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, OMS. **Prevenção e Suicídio** (2013).

OUTEIRAL, J. O. **Adolescer**: estudos sobre a adolescência. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004. 146 p.

PERDIGÃO, P. **Existência e liberdade. Uma introdução à filosofia de Sartre**. Porto Alegre: L&PM, 1995.

PORTAL SAÚDE SUS. **MS promove debate sobre saúde sexual e reprodutiva**. 2013.

RESMINI, E. **Tentativa de Suicídio: um Prisma Para Compreensão da Adolescência**: São Paulo, Revinter, 2004.

RIGO, S. C. **Suicídio: uma questão de saúde pública e um desafio para a psicologia clínica**. CFP: O suicídio e os desafios para a Psicologia. Brasília, 2013.

ROCHA, A. P. R & GARCIA, C. A. **A adolescência como ideal cultural contemporâneo**. Psicologia ciência e profissão, 28 (3), 622-631, 2008.

SALES, L. M. F. **Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos**. Estudos de Psicologia I Campinas I 22(1) I 33-41 I janeiro – março, 2005.

TEIXEIRA, C. M. F. S. - **Tentativa de suicídio na adolescência** - Revista da UFG, Vol. 6, No. 1, jun 2004.

UNICEF. O FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA, 2012. **Infância e adolescência Brasileira**.

VIEIRA, L. J. E. S; FREITAS, M. L. V & PORDEUS, A. M. J, et al. **“Amor não correspondido”**: discursos de adolescentes que tentaram suicídio. Ciênc. saúde coletiva vol.14 no. 5 Rio de Janeiro Nov./Dec. 2009.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2013**: Homicídios e juventude no Brasil. São Paulo: Instituto Sangari, Ministério da Justiça, 2013.

WANG, Y. P & RAMADAM, Z. B. A. Aspectos psicológicos do suicídio. In: MELEIRO, A. TENG, C. T & WANG, Y. P. **Suicídio: estudos fundamentais**. São Paulo: Segmento Farma, 2004.

WERLANG, B.S.G. **O suicídio: o luto dos sobreviventes**. CFP: O suicídio e os desafios para a Psicologia. Brasília, 2013.

WERLANG, B.S.G. BORGERES, V.R., & FENSTERSEIFER, L. **Fatores de risco ou proteção para a presença de ideação suicida na adolescência**. Revista Interamericana de Psicologia, Porto Alegre, PUCRS, 39(2), 259-266, 2005.